CIDAC
Centro de Documentação
TL3648

r 11
SET 1978

RESUMOS

JORNADAS INTERNACIONAIS POR UMA SOCIEDADE SUPERANDO AS DOMINAÇÕES

1

SITUAÇÃO EM TIMOR-LESTE

Texto enviado pelo Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral - CIDAC

Os textos que adiante apresentamos foram recolhides pelo CIDAC - Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral no sentido do romper o muro de silêncio erguido em torno desta ex-colónia portuguesa a qual na madrugada do dia 7 de Dezembro de 1975 foi invadida pela Indonésia.

Pensando ser muito importante divulgar estes textos já que os mesmos focam aspectos da situação actual de Timor-Leste e os problemas que afectam à sua população, passaremos a transcrever os extratos que nos parecem mais singificativos.

Primeiro Documento - Carta de um missionário que se encontra em Timor-Leste. Divulgada em Portugal pelas Irmã Natália Granado Moreira e Irmã Maria Auxiliadora Fernandes (Missionárias Dominicanas, ex missionárias em Timor-Leste).

> Durante vários anos fomos missionários em Timor. Vivemos no meio daquele povo e a ele dedicámos toda a nossa vida, ficando a saber na carne a miséria e privações a que durante séculos tem sido submetido.
> Agora esse povo sofre a agressão da invasão que pretende anexá-lo e pôr fim à sua existência como povo. É por tudo isto que não podemos deixar de publicar esta carta que nos dá a conhecer alguma coisa dos momentos duros que agora atravessa o povo de Timor.

Queridos amigos

Grande foi minha alegria receber notícias vossas. Tantas saudades, tantas lembranças...Bem e agora se quereis falo de mim...Tenho o espírito demasiadamente disperso para vos poder fazer, pelo menos, uma ridícula caricatura de mim e da realidade em Timor, hoje. No entanto vou tentar. Estou como um palito, descalço (sem ser carmelita), esfarrapado (sem voto de pobreza) doente (sem ter servido num

2

hospital)... e a ladaínha continuava sem graça nenhuma.

Mas parece-vos que estou brincando ? Depois da guerra digo-vos o resto, se até lá durar a vida. Vamos para coisas mais sérias e mais importantes :

Primeiro-guerra : Continua com o mesmo furor inicial. A Fretilin persiste na luta apesar da fome, da nudez, da doença, da morte, da crise de entendimentos e objectivos verificada nos últimos tempos. Os invasores intensificaram o ataque nas três modalidades clássicas : terra, mar e ar.

No dia 7-31/12/75-Fev./976, encontravam-se ancorados no porto do Dili somente 23 barcos de guerra que vomitavam fogo intenso para as encostas do Dili, 24 horas a fio. Os helicópteros vão de 8 a 12 que diariamente percorrem de lés-a lés as terras de Timor, os bombardeiros aéreos já são 4, os que deslocam das pistas de Dili. Por terra circulam tanques e blindados sem conta. Os homens armados dos indonésios presentes em Timor, agora devem ultrapassar 50 mil (não tenho certeza). Só no mês de Dezembro passado verificou-se intenso movimento de barcos em Dili, descarregando material bélico e desembarcando tropas. A partir de Setembro p.p. a guerra recrudesceu de intensidade. Os aviões bombardeiros não param todo o dia. São centenas de seres humanos que morrem diariamente. Os corpos dos desgraçados ficam pasto das aves de rapina (se não morrermos de guerra, morremos de peste) povoações completamente destruídas, alguns sucos dizimados...a guerra vai para o 3º ano e não promete acabar tão rápido. As barbaridades (compreensiveis na Idade Média e justificadas na Idade da Pedra), as crueldades, o saque, e espoliamento inqualificavel de Timor, os fuzilamentos sem fundamento, numa palavra, toda a maldade organizada lançou raízes fundas em Timor. A insegurança é total e o terror da prisão arbitrária é o pão nosso de cada dia, (estou na lista das "persona non grata" - qualquer dia me podem fazer desaparecer). A tropa da Fretilin que se rende é despachada : para eles não há prisões. O genocídio está para breve : parece que é para Dezembro próximo. Dada a valentia do timorense, está-se a recrutar timorenses para irem lutar com os irmãos que estão no mato. São eles que marcham à frente dos batalhões (para espantar a caça).

Segundo - Igreja : (O silêncio, o individualismo, a mútua desfeita)... Muitas missões sem sacerdotes; escolas fechadas há mais de dois anos; actividade conjunta nula; nota-se contudo, hoje, maior consciencialização sobre os acontecimentos e se procura

já traçar uma linha de actuação segundo as orientações pos-conciliares. O Bispo resignou, e em seu lugar temos o Administrador apostólico - o sr. Pe. Lopez...as freiras canessianas já regressaram algumas (7) e chegaram novas carmelitas espanholas (ao todo 6). Temos ainda três jesuítas e os salesianos não nos abandonaram. Os sacerdotes timorenses são : Lopes (agora monsenhor), Demétrio, Maia, Aureo, José Antônio, Mário, Cunha, Rafael, Agrostinho, Ricardo, Leão que estão na posse dos indonésios; com Fretilin estão os padres timorenses Luis da Costa, Mariano Soares e Francisco Tavares dos Resis. Com a Fretilin encontram-se também o Pe. Lioneto Vieira, Fagundo Martins e Carlos Rocha Pereira. Com os indonésios estão, além dos jusuítas e salesianos, os goeses Santana, Monteiro, Brito e os metropolitanos Julio Aço e Barbosa. Os seminaristas seguiram para Flores. As carmelitas já abriram mais uma casa em Dili.

-

Terceiro-situação política : Indefinida. A sabotagem, a mentira impera no sector informativo. A opressão é uma realidade. A integração não é a expressão da vontade do povo. O povo controlado pelos indonésios é, dado o caracter opressor e nivelador da presença dos indonésios, uma mansa ovelha que se leva ao matadouro : perante a força não há resistência : a liberdade é palavra vã; a libertação anunciada é sinônimo de escravatura. Timor voltou à "iconoclastia". A reforma dos costumes significa criação de cabarets, e de casas de prostituição...No comércio impera a exploração do necessitado e o mercado negro é normal. Os chineses vendem-se com facilidade e são os instrumentos de exploração comercial, as saídas para fora da Indonésia são um sonho. A correspondência é aberta.

Quarto : Concluindo: Oecusse está entregue à diocese de Atambua. Já renovaram e inovaram tudo... a nossa residência do Bispo Medeiros ficou destruída pelo fogo dos bárbaros; o seminário de Dare, destruído; colégio de Maliana, Soibada, destruídos. Timor não foi integrado, foi "anexado", não foi liberto do "comunismo", foi entregue aos bárbaros e vendido aos indonésios muçulmanos. A liberdade, sob qualquer aspecto, não existe.

Fazei algo de positivo pela liberdade do povo de Timor. O mundo ignora-nos e é pena...estamos a caminho de um eminente genocídio. Até fins de Dezembro próximo a guerra promete ser "carnificina", extermínio. Toda a juventude válida de Timor (30% da população) está no mato; os indonésios só controlam as vilas numa circunferência de I a 2 kms. Pedi aos homens amantes da justiça para que salvem Timor e pedi a Deus para que perdoe os pecados do povo de Timor.

Estou muito cansado e não tenho serenidade para fazer-vos uma pintura mais pormenorizada da realidade de Timor, nestes dois últimos anos. Estamos todos aqui esgotados.
Um abraço saudoso para todos.

Timor, Novembro I977

Segundo Documento - Extratos do relatório elaborado por um ex-consul australiano em Dili, James Dunn; o qual foi publicado em Camberra a II de Fevereiro de I977. Este relatório foi elaborado com base em declarações recolhidas de refugiados que hoje se encontram em Portugal e que assistiram à invasão.

Execuções num Mosteiro

Algun timores contaram factos sobre o comportamento das tropas indonésias durante a invasão. Segundo várias testemunhas, havia em 6 de Dezembro, imediatamente antes da invasão, um pressentimento geral de que um ataque indonésio estava iminente. Unidades da FRETILIN retiraram-se para trás de Taibesse, em direcção às montanhas. Muitas pessoas fechavam-se dentro das suas casas, mas um grupo bastante grande dirigiu-se para a Igreja de Santo Antônio, perto do farol da avenida em frente do porto de Dili. A Igreja era um bom posto de observação se houvesse uma invasão da Indonésia. Conforme os relatos dos refugiados, barcos de guerra bombardearam Dili antes do nascer do sol, e um grande número de aviões metralharam a cidade, sem causar grandes danos. Quatro pessoas, dois timores e dois chineses referiram-se à violência indiscriminada das tropas indonésias. Duas das pessoas que se tinham refugiado na Igreja contaram que vários paraquedistas se afogaram, porque caíram na baía, em vez de pisarem em terra. Uma refugiada que se encontrava nesse momento perto da Igreja contou :

Às 7 da manhã, disse ela, tinha visto como os paraquedistas indonésios abateram a tiro uma mulher na garagem da paróquia, ao lado da Igreja, e duas outras em frente da Igreja apesar de elas levantarem as mãos ao ar. Mencionou os nomes de duas delas. A seguir as tropas indonésias ordenaram a todos que se encontravam perto da Igreja que entrassem.

Às 9 da manhã do dia seguinte estas pessoas e outras receberam ordem dos soldados para irem ao estaleiro, onde estavam presas cerca de 27 mulheres, algumas timores, outras chinesas. Ela disse que um certo número de mulheres tinham crianças e que todas choravam. Os indonésios arrancavam as crianças às mães e davam-nas à multidão. A seguir as mulheres foram abatidas uma a uma. Os indonésios deram

ordem aos presentes para fazerem a contagem.

Às duas da tarde 59 homens, chineses e timores, foram levados para o estaleiro. Um deles era (...) cuja viúva, segundo me contava a minha informadora, se encontra agora com dois filhos na Austrália. Estes homens eram abatidos a tiro um por um. De novo os presentes tiveram de fazer a contagem. Foram cerca de 500, calculava ela. As vítimas deviam pôr-se na ponta de cais, de modo que os corpos caíssem na água ao serem abatidos. Os soldados indonésios abriam fogo sobre os corpos na água quando eles ainda davam sinal de vida. Muitos dos homens, tal como o tinham feito as mulheres antes de serem executadas, suplicavam aos indonésios, alguns de joelhos, mas ninguém do grupo foi poupado. Um outro informador contou-nos que no dia seguinte os corpos deram à costa, em frente à casa do bispo, tendo os timores recebido ordens para os tirar daí. Estes informadores disseram-me terem ouvido dizer que as execuções no estaleiro tinham continuado.

Segundo um informador, um grande número de timores foram abatidos na área de Taibese, onde os indonésio mataram famílias inteiras, apanhadas nas casas onde havia bandeiras da FRETILIN hasteadas. Outros contavam que os indonésios tinham morto muita gente perto do aeroporto, lançande simplesmente granadas de mão para dentro das casas. (...) mencionou um número de 60 pessoas mortas desta maneira. Conforme o testemunho de (...) foram os chineses quem mais sofreu durante os primeiros dias a seguir à invasão. Só no primeiro dia, disse ele, ouviu dizer que pelo menos 500 chineses tinham sido mortos pelas tropas indonésias. Além do massacre na área dos estaleiros e do quartel general da polícia, segundo os meus informadores, grupos de pessoas foram abatidos conscientemente em Villaverde, ao pé de Sang Tai Hu, Santa Cruz, ao pé da loja de Lay Ju Man, junto do antigo consulado australiano (onde um certo número de enfermeiras teria sido abatido), fora da casa de João de Martines, um antigo director de Alfandega. E ao pé do antigo quartel da Cruz Vermelha Internacional.

Até as janelas foram roubadas

Todos os refugiados disseram que os soldados indonésios, logo desde o primeiro dia da invasão, pilhavam em grande escala. Imediatamente a seguir à invasão perto de Dili, conforme o relato de várias testemunhas, a maior parte da população da cidade recebeu ordens para se dirigir para um local perto do aeroporto. Quando regressaram, as suas casas estavam completamente pilhadas e em certos casos mesmo totalmente vazias. Carros, rádios, móveis, serviços e talheres, até as janelas foram levadas para bordo pelos soldados indonésios.

A maior parte dos tratores que estavam na área de Dili também foram levados, segundo os informadores. As igrejas e o Seminário também foram pilhados e os livros deste último foram queimados.

De acordo com as declarações dos refugiados, as execuções na área de Dili continuaram até ao fim de Fevereiro. Apenas o terreno das execuções tinha mudado do estaleiro para Tasilato, perto do aeroporto, diziam. Segundo um informador, ainda em 17 de Agosto do ano passado, algumas pessoas foram mortas por se teram recusado a participar nas festividades do Dia da Independência da Indonésia.

Uma informadora disse que conhecia pelo menos três das vítimas : entre as quais um chinês (...) que ela conhecia bem. Conforme um depoimento, alguns indonésios nomeadamente alguns oficiais, tentaram, entre Março e Abril de 1976, melhorar as relações com a população local. Mas segundo este informador, estas tentativas eram continuamente contrariadas pela continuação das pilhagens e pelas violações praticadas pelos soldados. Contaram-me que os soldados indonésios tinham o costume de agarrar raparigas jovens, carregá-las em camiões, para depois as violar. Também se acusava uma unidade especial de informação, que operava a partir do último andar do hotel tropical, de recorrer frequentemente a torturas para obter informações sobre a FRETILIN. O oficial que chefiava esta "unidade de interrogações" era o major Yusman, que trabalhava sob as ordens do chefe supremo do serviço de informação de Timor-Leste, coronel Sinaga, um homem, como se diz, odiado e temido. Uma testemunha feminina disse conhecer duas mulheres que foram torturadas para se lhes arrancar informações sobre a FRETILIN. Disse que (...) e (...) foram despidas até estarem nuas e que os seus seios foram queimados com cigarros. Disse também que foram utilizados choques elétricos nos seus corpos.

Disseram-me que Dili se tinha tornado relativamente segura depois de Abril, embora ainda se pudessem ouvir tiros durante a noite. (...) disse-me que quando foi de carro de Dili para (...) (distanciando-se mais ou menos 50 kms da cidade), em Abril de 1976, o seu jeep era acompanhado por três blindados e um camião cheio de soldados. Durante a viagem apanharam alguns tigres e os soldados indonésios insistiram em estar de regresso antes da noite cair.

Todos os refugiados diziam que os indonésios continuavam a tomar uma atitude de hostilidade arrogante para com a população local. Em geral os timores tinham de fazer continência quando falavam com os soldados rasos indonésios. Se

recusavam batiam-lhes. Quando as casas já não tinham nada, os soldados viravam-se para os túmulos dos europeus e timores mais abastados. Contaram-me (...) que os indonésios desenterraram o túmulo do padre Martins em Meliana (há doze anos passei uma noite na missão dele) e lhe arrancaram os dentes de oiro. Também os túmulos dos chefes das povoações eram escavados pelos soldados indonésios à procura de espólios (os chefes timores em geral são enterrados com uma parte das suas jóias).

Perguntei aos chefes das comunidades dos refugiados se era possivel que tivessem sido mortas em Timor-Leste 100.000 pessoas. Todos me disseram que este número era crível, tendo em conta os massacres generalizados nas regiões montanhosas e os grandes bombardeamentos (contava-se que nos últimos meses se usava napalm). Muita gente tinha abandonado as grandes cidades e aldeias e encontravam-se agora nas montanhas, em áreas que estavam mais ou menos sob a administração da FRETILIN. Os timores (...) e (...) e (...) diziam que havia em Setembro mais ou menos 30.000 soldados indonésios em Timor-Leste. A última informação relacionada com a situação em Timor-Leste datava de Novembro. Um chinês que tinha deixado Dili naquela altura (...) disse que com o começo das chuvas a situação tinha piorado. A alimentação era muito escassa em Dili porque não podia ser transportada das áreas onde era produzida.

Terceiro Documento - Por último fazemos a transcrição dalguns pontos do relatório elaborado por um grupo de padres indonésios aquando da sua visita a Timor-Leste em 1976, relatório esse que acabou por ser publicado pelo "Parliament of Australia - Parlamentary Library - Legislative Research Service" em 22 de Novembro de 1976.

Do relatório dos Padres Indonésios:

Muito recentemente, em Novembro de 1976, uma delegação de padres indonésios visitou algumas regiões de Timor-Leste e elaborou um documento com base em entrevistas feitas a padres portugueses que se encontram na ilha. Desse texto podemos destacar :

"80% do território de Timor-Leste está controlado pela FRETILIN (Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente - movimento progressista criado a seguir ao 25 de Abril e que comanda toda a resistência do povo de Timor contra a Indonésia.

O total de vilas e aldeias ocupadas pelas tropas indonésias ronda as 150.000 pessoas, num total de 650.000 habitantes. O que significa que 500.000

pessoas estão fora do seu controle.

As comunicações terrestres são muito dificeis para as tropas indonésias, que utilizam a maior parte das vezes apenas o helicóptero ou a marinha.

Disseram-nos que cerca de 60.000 timores tinham sido mortos até agora. Consideramos este número muito elevado porque isto significava que 10% da população tinha morrido. Mas quando referimos estes dados a dois padres de Dili eles disseram-nos que segundo as estimativas suas o número de mortos rondava os 100.000.

O desejo de integração na Indonésia começa a diminuir devido à má experiência da ocupação das forças invasoras (roubos, incêndios, violações de raparigas etc.). Um exemplo : 5.000 pessoas desejavam as boas vindas às tropas da Indonésia em Amara. Agora existem apenas 1.000 pessoas na vila, porque o resto da população se juntou à FRETILIN, nas montanhas".

Para toda e qualquer difusão, favor mencionar : Resumos para a preparação das "Jornadas Internacionais Por Uma Sociedade Superando as Dominações".

SECRETARIADO DO PROJETO, 14, RUE SAINT BENOÎT, 75006-PARIS, FRANÇA